

Polêmica e irregular,

MAS COM POTENCIAL

Sétima edição da Bienal do Mercosul parece conceitual e hermética demais.
Uma visita sem preconceitos, entretanto, revela uma proposta curatorial dinâmica

PAULA RAMOS

Jornalista e professora universitária

Eduardo Seidl/indicefoto.com



NO MARGS
Projetos da argentina
Marta Minujin fazem
parte da mostra
Desenho das Ideias, um
dos destaques da Bienal

À primeira vista, a 7- Bienal do Mercosul que pode ser vista até o final de novembro em três espaços de arte de Porto Alegre não empolga - ficando a unânime exceção por conta da mostra Desenho das Ideias, de viés mais histórico e também mais tradicional, em exibição no MARGS. À primeira vista, trata-se de uma mostra hermética demais, conceitual demais, com muitos trabalhos necessitando, de modo constrangedor, de explicações adicionais para se sustentar. À primeira vista, é uma decepção.

Um segundo olhar, entretanto despidido dos preconceitos decorrentes das sensações iniciais, revelará uma exposição que, apesar dos atropelos, merece ser observada com atenção. Entre os diferenciais de Grito e Escuta está a própria concepção da mostra, pensada não a partir de um tema específico mas dos proces-

sos de criação dos artistas, de suas ações e reflexões. Assinada pela curadora argentina Victoria Noorthoom e pelo artista chileno Camilo Yáñez, a proposta curatorial é pontual e dinâmica, inclusive ao estender as atividades da bienal por meio dos programas Editorial e Radiovisual. Há muitos méritos nessas iniciativas, bem como no Projeto Pedagógico, enriquecido pelas residências que levaram 14 artistas convidados a comunidades de diferentes regiões do Estado, para que aplicassem seus métodos de abordagem da arte contemporânea. Um dos mais comoventes é o do francês Nicolas Floc'h, desenvolvido junto a moradores de três bairros de Porto Alegre. Com eles, Floc'h construiu, a partir de materiais reciclados, representações de objetos de desejo coletivos, aos quais essas comunidades não têm acesso. Os moradores do Lami, por exemplo, deram forma a um micro-ônibus, esperança de melho-

ria no transporte coletivo, enquanto os condôminos do antigo edifício do INSS, na avenida Borges de Medeiros, que sonham em renovar a pintura da fachada do prédio, entalharam na madeira andaime pincéis e latas de tinta. Exibidas na mostra Biografias Coletivas, todas as "obras", tal como ocorre numa galeria comercial, podem ser adquiridas. Todavia, os interessados deverão trocar as peças em exposição pelos objetos que representam, tornando mais concreta e objetiva a tão almejada relação entre arte e vida.

Propostas como essa foram concebidas e colocadas em prática por uma equipe que agregou à dupla Noorthoorn-Yáñez outros oito curadores, todos artistas. Muitas pessoas têm se questionado sobre essa nova configuração: artistas no papel de curadores. Entretanto, há um bom tempo caíram as barreiras entre os agentes do meio, apontando, inclusive, novos papéis para o público. Assim, uma vez que a amarração conceitual está calcada no pensamento dos artistas, nada mais legítimo do que ela ser articulada pelos próprios. Trata-se de uma aproximação quase incestuosa, mas é nela que pulsa a singularidade da mostra.

Acerca disso, é importante comentar que o "modelo bienal", surgido na distante Veneza de 1895, atravessou o século 20 buscando justamente o novo, de preferência o inédito. Hoje são mais de 50 mostras do tipo espalhadas pelo mundo, em cidades como Istambul (Turquia), Havana (Cuba), Gwangju (Coréia do Sul), Tirana (Albânia) e Porto Alegre. Frequentemente orientadas pela espetacularidade e mídia, as bienais tendem, curiosamente, a ocorrer em centros periféricos, sem um mercado artístico ou atividade institucional sustentável, passando, também por isso, a representar o principal caminho de reconhecimento internacional para artistas de regiões à margem. E embora as referências fundamentais para esse tipo de exposição continuem sendo a matriarca Veneza e a quinquenal Documenta de Kassel, na Alemanha, hoje o mundo da arte está muito mais concentrado nas possibilidades apontadas pelas mostras de menor envergadura. Como lembra o crítico francês Henry Meyric-Hughes, tendo de competir com as façanhas do entretenimento, as grandes bienais começaram a se alimentar das menores, e se tornou o papel das últimas atuar como motores da pesquisa em artes visuais, bem como servir de laboratório aos diferentes modelos de produção e comunicação artística. É o que poderia acontecer com a 7- Bienal do Mercosul. Afinal, personalidade e espírito provocativo ela tem de sobra. Falta-lhe, porém, polimento.

Na mostra A Árvore Magnética, por exemplo, os artistas convidados tiveram de programar que seus trabalhos passariam por dez transformações durante os 45 dias de exibição, podendo chegar, no final, a formas radicalmente diferentes. A idéia parece interessante em seu desafio de propor obras em trânsito, mas, ao impor um processo, não estaria justamente engessando o artista, a figura central da proposta curatorial?

E o que dizer de Absurdo, no Armazém A3 do Cais? Apesar dos excepcionais vídeos da brasileira Márcia X e dos chilenos Niles Atallah, Joaquín Cociña e Cristóbal Leon, o mais polêmico dos segmentos afunda não somente na areia e na pretenciosa ceno-

Cristiano Sant'Anna/Indicefoto.com



OBJETOS DO DESEJO

Floch (de óculos) e seus artistas improvisados dentro do micro-ônibus: proposta comovente

grafia, mas na qualidade duvidosa da maioria das obras.

Há o risco de o espectador também sair muito irritado de Absurdo, mas a redenção pode estar em alguns trabalhos de Texto Público e Biografias Coletivas. O espanhol Jordi Colomer, por exemplo, apresenta Avenida Ixtapaluca, suscitando, a partir da exibição sucessiva de pétreas fachadas de casas populares num dos maiores bairros planejados do mundo, uma reflexão acerca da alteridade. Já a brasileira Rosângela Rennó, no lírico Experiência de Cinema projeta fotografias na fumaça fugidia: de um lado, o desejo de eternizar instantes e expressões; de outro, a efemeridade.

Ficções do Invisível igualmente guarda boas surpresas, como os vídeos do francês Jérôme Bel, do brasileiro Luiz de Abreu e da argentina Ana Gallardo. No entanto, a primorosa museografia não conseguiu impedir as interferências sonoras decorrentes dos tecidos usados na separação dos espaços. Reflexos da tão comentada crise econômica que obrigou a Fundação Bienal a cortar 30% do orçamento previsto.

Por fim, Projetáveis e Desenho das Idéias. O que a primeira tem de instável, a segunda esbanja em solidez. Elegante e silenciosa, a exposição junto ao MARGS reúne obras de peso. Ali está a curiosa correspondência entre o brasileiro Paulo Bruscky e o argentino Edgardo Vigo, os poéticos desenhos da colombiana Delcy Morelos, da ítalo-brasileira Anna Maria Maiolino e do argentino León Ferrari; os projetos da portenha Marta Minujín e de Milton Machado. Ali estão também as criações de fôlego de Iran do Espírito Santo e de Walmor Corrêa. Iran "abre", de certa forma, a exposição, e não apenas ela, mas a própria bienal como um todo, uma vez que Desenho das Idéias foi pensada como uma "caixa de ressonância" do evento. Já Walmor "fecha" a mostra, com sua Biblioteca dos Enganos que convida o espectador a discutir os liames entre arte e ciência, razão e fantasia, imagem e imaginação. É com esse tipo de ambigüidade, na condição de incerteza criativa aspirada pelos artistas, que todos nós podemos, em diversos graus, nos identificar e transformar. Reside aí uma das potências da arte.